



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

**Publicado originalmente em:** Texto mimeo cedido gentilmente pelos autores. 2005.

## **GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA LEITURA DAS CATEGORIAS DEMOGRÁFICAS MEDIANTE A LITERATURA REGIONAL DE GOIÁS**

Ubiratan Francisco de OLIVEIRA  
Licenciando em Geografia/IESA/UFG

Eguimar Felício CHAVEIRO  
Prof<sup>o</sup> Dr. Em Geografia/IESA/UFG

### **RESUMO**

Este artigo trata do uso da literatura regional como metodologia alternativa na prática de ensino em geografia. Relata a experiência tida em sala de aula com os alunos calouros do 1º semestre de 2005 do Curso de Geografia do Instituto de Estudos Sócio Ambientais, da Universidade Federal de Goiás. Na realização do projeto, apresentou-se análise de uma atividade desenvolvida na disciplina Geografia e Demografia, à qual foi utilizada a interpretação do Livro de Contos “Memórias da Solidão”, de Brasigóis Felício, autor regional. Este autor aborda, em sua obra a vida, o cotidiano do goiano e do goianiense na metrópole moderna, os migrantes, o povo do lugar, o crescimento populacional, o saudosismo e a solidão, as transformações do espaço e a intimidade do cidadão com os diversos atores da cidade vivida em seus personagens. Como tudo isso pôde ser utilizado na compreensão das categorias de estudos e análise demográfica é o que queremos apresentar com este trabalho.

### **INTRODUÇÃO**

Tornar as categorias demográficas perceptíveis aos olhos dos alunos recém ingressos na Universidade e a forma como as elas se apresentam nas análises sobre população foi um dos desafios da disciplina Geografia e Demografia do Curso de Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA), da Universidade Federal de Goiás (UFG) ministrada no 1º semestre de 2005. Contudo, este desafio não é um “mérito” somente da demografia, a Geografia em si, vem buscando, ao longo dos últimos anos, novas metodologias educacionais na busca de uma aproximação entre o ensino e a aprendizagem.

Desde o surgimento da Geografia Crítica na segunda metade do século XX, os grandes pensadores da geografia contemporânea brasileira vêm discutindo os novos rumos dessa ciência na sociedade moderna. Um aspecto a se relevar é a aproximação da geografia com a sociedade, como maneira de constituir elos entre a produção acadêmica e as ações da sociedade em suas diversas frentes de



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

pensamento e trabalho em um mundo globalizado com tamanha facilidade de “intercomunicabilidade entre os homens”, como bem disse Santos, 1996:

“A Geografia, destinada a trabalhar um mundo, que agora é amplamente e profundamente perceptível, ganha possibilidades novas, graças a essa cognoscibilidade do planeta, a essa intercomunicabilidade entre os homens, devido às facilidades de comunicação.” (Santos, 1996, pgs. 28 e 29)

Santos fala da facilidade de comunicação e trocas de informações no mundo globalizado e também sobre a necessidade de adquirir capacidade em poder enxergar os “fluxos invisíveis” que comandam as “redes de fluxos de informações”, e determinam a organização territorial no que há de mais importante na vida econômica, social, cultural e política. E como a Geografia vive uma situação interessante, seus objetos de estudos são perceptíveis à sociedade mas falta um elo entre a linguagem acadêmica e a compreensão da sociedade, ao mesmo tempo que não é negada a imensa força da Geografia para uma compreensão desse mundo globalizado. Diante do exposto, a Geografia deve buscar alternativas na arte como meio de transformá-la acessível à sociedade, sobre isso conclui Santos:

“Essa força, todavia, vai depender, em parte, da associação entre a ciência e a arte. Um dos aspectos da vida universitária hoje, é que, em boa parte dos casos, o que nós escrevemos é ilegível para o resto da humanidade. [...] Hoje, dentro da universidade, falamos muito do povo, palavra que repetimos com a boca cheia, mas, com frequência, escrevemos para nós mesmos. Então, quem sabe, esta aproximação possível com a arte da novela (sobretudo nas ciências humanas que não devem estar muito preocupadas em ser científicas mas, apenas, em constituir uma disciplina do saber) pode permitir ao trabalho universitário alcançar a sociedade, a partir da universidade. Aceitamos, por conseguinte, o conselho de Bruno Latour, segundo quem, o trabalho do homem na universidade é muito parecido com o trabalho do literato, do romancista, na medida em que ele, também, produz enredos” (Id ibid)

Chorley e Haggett, 1975, fazem uma análise da Geografia Contemporânea e do papel das ciências nos estudos e na compreensão do mundo real, sobretudo como romper a dicotomia existente entre o geral e o particular, além de abordarem a forma diferenciada pela qual a sociedade e Geografia fazem a leitura dos fatos:

“A distinção entre os enfoques ideográfico e nomológico do mundo real foi reconhecida por Aristóteles, embora não nos termos em que a empregamos corretamente, quando acentuou que a



[www.observatoriogeografico.com.br](http://www.observatoriogeografico.com.br)

poesia é mais filosófica e de importância mais grave que a história porque trata de que é difundido e universal...” (Chorley e Haggett, 1975 pg.2)

O pensamento dos autores Chorley e Haggett, enunciados acima também citam a arte, neste caso a poesia compreendida por Aristóteles, como forma de uma aproximação maior e mais profunda da ciência com a sociedade em seus aspectos mais gerais.

Utilizando a literatura de Lima Barreto e Charles Baudelaire em uma análise “sociológica da literatura” para compreensão das metrópoles modernas Morais, 2004, diz:

“Com efeito, os escritores da modernidade tornaram-se mais autênticos e profundos quanto mais se aproximam dos homens comuns. Graças a essa proximidade, seus escritos irão despertar em seus contemporâneos a consciência de si mesmos como homens modernos. Enquanto Marx retrata a modernidade num contexto histórico no nível dos movimentos coletivos, enfatizando a luta de classes, Baudelaire e Lima Barreto mostram como ela pode ser vista dentro do indivíduo.” (Morais, 2004 in Plurais pg. 269)

Se a arte está presente de forma mais profunda na vida da sociedade contemporânea que a ciência, é bom ressaltar que ela, por si só, não transforma a sociedade mais crítica e consciente, é necessário obter uma leitura crítica da arte para compreender sua mensagem e isso se consegue por intermédio da ciência. Em contrapartida, a ciência necessita penetrar no cotidiano da sociedade para compreendê-la e pode muito bem utilizar a arte para esse objetivo.

No entanto, devemos interpretar que arte e ciência são coisas bem distintas e precisam ser tratadas cada qual em seu lugar. A sala de aula não pode se transformar num constante palco de apresentações artísticas, pois, ela é lugar da racionalidade interrogativa, reflexiva, investigativa; a arte entra aqui como método alternativo de ensino e não para assumir o papel de projeto político pedagógico, nós nos apropriamos de sua linguagem para interpretar, pelo viés das categorias geográficas, os fenômenos sociais e naturais. Da mesma forma que, a arte não pode ser repleta de racionalidade, isso a faria perder a essência social que a constitui, ou seja, a emoção.

**A GEOGRAFIA E A ARTE NO ENSINO: uma investigação empírica**



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

O espaço mais apropriado para o encontro da ciência com a arte é a escola, seja ela de ensino fundamental, médio ou superior. A escola ainda é o elemento mais importante na transformação do cidadão para uma leitura crítica do mundo. Se a sua estrutura é burguesa e, portanto, liberal por essência, seu espaço é constituído de uma profunda diversidade social, cultural, étnica, econômica, entre outras categorias de classificação social, o que a transforma num complexo palco de contradições, um perfeito cenário para a o desenvolvimento do estudo científico social e da arte. Sobre esse aspecto contraditório e segregador do espaço, disse Santos “Os espaço que, para o processo produtivo, une os homens, é o espaço que, por esse mesmo processo produtivo, os separa.” (Santos, 2004, p. 33)

É importante entendermos que a escola é um espaço que compõe o processo produtivo, principalmente no que tange ao superestrutural, na idealização do modo de produção vigente, daí a sua estrutura burguesa. Além disso, ela enquanto instituição do mundo moderno se tornou uma correia fundamental para desenvolver técnicas disciplinares.

A Geografia é um instrumento fundamental para tornar o mundo perceptível à sociedade e que, para tanto, necessita de mecanismos que a aproxime do mundo vivido por essa sociedade. Como estamos nos referindo neste momento à escola e ao ensino, os alunos e professores assumem aqui o papel da sociedade. Sendo assim, a arte utilizada pela Geografia no processo ensino-aprendizagem tem como objetivo atingi-los.

Com o objetivo de “transformar a aulas de Geografia em um instrumento capaz de despertar o senso crítico dos alunos”, OLIVEIRA, SILVA, NETO e VLACH (2005) desenvolveram um trabalho prático com alunos e professores do ensino fundamental de uma escola municipal de Uberlândia e com alunos graduandos da Universidade Federal de Uberlândia utilizando a música como prática metodológica de ensino. Na introdução de seus trabalhos dizem:

“Na era da informação fácil, descartável, de utilidade e relevância muitas vezes duvidosa, tem sido cada vez menos atrativo debruçar-se sobre numerosas páginas de textos didáticos, ou mesmo outros recursos ditos convencionais” (Oliveira, Silva, Neto e Vlach, 2005, p. 74 in Caminhos de Geografia)

Os autores buscam na música o cotidiano das pessoas para, aí entrar com as categorias geográficas de forma mais compreensível e menos estranha aos sentidos dos alunos. E com o desenvolver das atividades chegaram à seguinte conclusão:

“...o uso da música contribui para que o ensino de Geografia cumpra seu papel enquanto instrumento de libertação social, na medida em que permite discutir temas do cotidiano. [...] Ficou



[www.observatoriogeogoias.com.br](http://www.observatoriogeogoias.com.br)

claro, pois, que o uso da música como instrumento pedagógico é um recurso que estimula e motiva o aluno, tornando o processo ensino-aprendizagem em Geografia mais significativo.” (id ibid, p. 80)

Cavalcanti, 2004, buscou na literatura um instrumento pedagógico na aprendizagem sobre a cidade, em especial o “cotidiano e o conhecimento geográfico” como ela mesma o denominou. Para isso, utilizou a literatura de Italo Calvino e seu personagem Marcovaldo: “Esses personagens de Calvino ‘perambulam’ pela cidade, em várias circunstâncias descritas no livro” (p. 121) diz a autora em seu livro sobre a escola e o ensino de Geografia e acrescenta, comentando o porquê da escolha da obra de Calvino: “Essa obra chama atenção pela apresentação de cenas do cotidiano em que a relação do homem com seu espaço é intensa, ou seja, pela apresentação de cenas carregadas de geografia.” (p. 122).

É nessa perspectiva de uma análise das categorias geográficas, mais precisamente no estudo demográfico, que foi desenvolvida a atividade com os alunos do 1º Semestre do Curso de Geografia (Licenciatura e Bacharelado), utilizando para tanto, a interpretação de um livro de contos da literatura regional de Goiás.

## **LITERATURA REGIONAL DE GOIÁS COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO DAS PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA NA UFG.**

A atividade foi apresentada mediante um projeto. Seguindo as orientações formais do projeto e política, ele foi apresentado à coordenadora pedagógica do curso inicialmente. Posteriormente, foi apresentado e discutido com os alunos. A primeira preocupação foi constituir uma compreensão totalizante de seus objetivos.

“Objetivo

Interpretar o modo pelo qual os estudos demográficos estabelecem a leitura do indivíduo humano, da sua relação como o espaço e com tempo mediado pelas diferentes possibilidades sociais, observando o sentido prático e propositivo desses estudos.”(Chaveiro<sup>1</sup>, 2005)

Para alcançar o objetivo citado acima, proposto para a disciplina de demografia, foram discutidas durante as aulas as categorias necessárias para seu estudo como: crescimento demográfico, distribuição espacial da população, densidade demográfica,, mobilidade espacial dos homens, taxa de fecundidade, taxa



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

de mortalidade, taxa de natalidade, envelhecimento, etnia, juventude, corpo, entre outras, além da abordagem de temas como engenharia genética, trabalho, direitos humanos nacionais e internacionais, política e geopolítica, sexualidade, economia, e outros temas que contribuem para o entendimento da dinâmica demográfica internacional, nacional, regional e local.

Foram utilizados como recursos metodológicos textos de livros que abordam a geografia da população e a demografia, textos de projetos de dissertações de mestrados, debates e aulas expositivas-dialogais sobre os temas demográficos e textos produzidos pelo professor da disciplina durante o desenvolvimento das atividades. Todos esses recursos são convencionais da academia e obedecem aos quesitos epistemológicos quanto às suas formas e conteúdos.

Diante do exposto, chegamos aos questionamentos necessários para introduzir a arte como recurso didático-pedagógico facilitador do processo ensino-aprendizagem na disciplina Geografia e Demografia: Os alunos recém ingressados na academia estão compreendendo o conteúdo da disciplina de forma clara? Se estão, sabem como utilizá-los no cotidiano? Na compreensão dos fenômenos demográficos da sociedade contemporânea?

Em atenção às transformações ocorridas na Geografia Contemporânea e às novas práticas de ensino, principalmente no que se refere ao ensino de Geografia, é que foi desenvolvida a proposta pedagógica-didática da disciplina à qual Chaveiro propõe dinâmicas de grupo, palestras e organizações de eventos:

#### “Proposta Pedagógica-Didática

As aulas serão animadas com exposição indagativa do professor e mediante dinâmicas de grupo redundando em trabalhos práticos em sala de aula; haverá palestras e organizações de pequenos eventos usando novos meios para os estudos demográficos” (Chaveiro, 2005<sup>2</sup>)

Surge desta proposta a idéia de se fazer a leitura de um livro de contos da literatura goiana com o desenvolvimento de um texto dissertativo por parte dos alunos sobre a identificação de categorias demográficas nos contos lidos, e, no encerramento da disciplina realizar um seminário para debater a literatura e a geografia, com a presença de literatos regionais.

O livro escolhido foi “Memórias da Solidão” de Brasigóis Felício. Os contos do livro “Memórias da Solidão” trazem como pano de fundo as cidades, os bairros, os lugares, os becos que funcionam como cenários perfeitos para as tramas e dramas vividos por seus personagens. Envolvidos por sentimentos

---

<sup>1</sup> Pertence ao Programa da Disciplina de Demografia do Curso de Geografia do IESA/UFG



[www.observatoriogeogoias.com.br](http://www.observatoriogeogoias.com.br)

profundos, essas cidades, esses bairros, esses lugares e esses becos criam vida e morte, do corpo, dos indivíduos e da multidão em si, que apesar de muitos, vivem só nas antíteses da metrópole.

O Seminário foi realizado no final do semestre com as duas turmas do 1º Período em Geografia e foram convidados o escritor Brasigóis Felício, autor do livro escolhido e o professor e escritor literato Aldair Aires, também, autor de contos e poemas.

O grande objetivo dessa atividade pode-se dizer, foi verificar se os alunos conseguiram enxergar além dos sentimentos, ou da emoção incorporada por Brasigóis Felício ao encarnar seus personagens. Verificar se eles conseguiram identificar nos contos a organização social no espaço e no tempo, as categorias demográficas, a ligação entre o conteúdo das disciplinas e a literatura escolhida. Além de saber se o conteúdo científico apresentado durante a disciplina foi de difícil compreensão e se eles teriam a mesma interpretação dos contos que tiveram sem as aulas de Geografia e Demografia.

Para isso, além dos textos produzidos por eles e do seminário, onde a palavra foi aberta aos presentes após as palestras dos literatos, foi realizada uma pesquisa por amostragem aleatória com alguns alunos que, para responderem as questões, tinham que ter lido o livro, participado do seminário e escrito a dissertação. Diante das respostas obtidas podemos dizer que a atividade foi bem sucedida e que cumpriu seus objetivos.

Ao perguntar se foi possível identificar as categorias demográficas encontradas nos contos, obtivemos as seguintes respostas:

Aluno A: “Sim. Envelhecimento, migração, engenharia genética.”

Aluno B) “Envelhecimento, migração, metropolização, genética.”

Aluno C) “Sim. Velhice, migração, engenharia genética.”

Aluno D) “Sim, Envelhecimento, engenharia genética.”

Aluno E) “Não li todo o livro, mas dentro do que li, identifiquei sim, várias passagens no decorrer dos contos. Velhice e engenharia genética.”

Aluno F) “Prostituta, políticos, velhos, migração”

Os alunos lembraram bem das discussões em sala de aula, citando categorias como migração e envelhecimento, porém, houve alguns que confundiram categorias com temas e atores abordados como,

---

<sup>2</sup> Pertence ao Programa da Disciplina de Demografia do Curso de Geografia do IESA/UFG



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

por exemplo, trocar envelhecimento por velhice e velhos, citar atores conjunturais e eixos temáticos discutidos em sala de aula como: políticos e prostitutas e engenharia genética.

A migração e o envelhecimento são de fáceis percepções nos contos do livro “Memórias da Solidão”. Faremos aqui uma análise dos contos mais citados pelos alunos.

Já no primeiro conto, “O mais longo dia do nosso desespero” o personagem principal, ao reencontrar uma amante do passado (Helena) diz:

“Eu não tinha outrora – como tenho agora – este rosto que mal se mostra. Tenho – temos – um rosto demolido. O tempo e o vento atuaram sobre nossos corpos com a voragem insaciável das forças desagregadoras.” (p. 20)

Quando o personagem trata seu rosto de “demolido” e que o tempo e o vento atuaram em seu corpo e de sua ex-amada como atuam erosivamente nas rochas, não há dúvidas de que se refere ao envelhecimento.

De uma só vez, Brasigóis Felício, em seu conto “O mais longo dia de Tereza”, aborda o envelhecimento, a migração, a engenharia genética, a mortalidade, a natalidade, taxa de crescimento demográfico, presentes no drama da personagem Tereza, em estado final de sua vida que agora é demolida pelo câncer. Este conto é narrado pelo autor e às vezes a narrativa passa para a personagem.

“Aids de nós, que seremos filhos da ovelha Dolly! Estava a contar carneirinhos quando chega, com cara de psiquiatra, o obstetra-mor. Ele chega com pompa e circunstância no local da fertilização onde, in vitro, a ciência de ponta elabora a vida de outro comedor de farinha; não será apenas mais um, que o milagre da genética fará baixar seu cavalo mediúnico no mundo; serão proliferados, como as sete pragas do Egito, mais alguns milhões de pagadores de impostos” (p.25)

“Na cidadezinha pacata eu era a moça mais prendada e a mais pretendida por quantos fossem (e havia tantos) caçadores de dote.”

Percebe-se que os termos “in vitro” e “genética” justificam as respostas dos alunos em destacarem a engenharia genética no questionário. O termo “proliferados” e a frase “milhões de pagadores de impostos”, dão a perceber o crescimento demográfico e quando a personagem relata sua vida “na cidadezinha” deixa a entender que se refere a mais uma retirante presente na metrópole, ou seja, se refere a migração.





[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

No Conto “A leveza dos malandros”, em que o autor se aprofunda no saudosismo da “Campininha das Flores”, os alunos perceberam que poderiam citá-lo como exemplo para o crescimento demográfico. Veja o exemplo interessante da resposta de um dos alunos do noturno quando perguntado se foi possível a identificar o tempo e espaço nos contos: “Foi possível, pois vimos o desenvolvimento da cidade (campininha)”

Esse mesmo aluno responde na anterior que uma categoria identificada foi a “metropolização”. Agora, veja um trecho desse conto:

“Eu me lembro, eu me lembro: era pequeno. O mar não bramia. Nunca houve mar me minha vida. Houve, sim, banhos de estertor e de medo no córrego bosteiro, onde primeiro mergulhei de cabeça nas víceras vivas da vida e da cidade que não crescia – inchava, como se acometida de elefantíase social, como incha e se avoluma o ventre de mulher grávida de um feto gigante.” (p. 98)

As metáforas utilizadas pelo autor deixam claro que o personagem estava assustado com o “inchaço da cidade” que parecia sofrer de “elefantíase social”, ou seja, o crescimento demográfico e urbanização percebida quando o personagem considera o córrego como “bosteiro” devido ao esgoto lançado na sua placenta.

Quanto perguntado sobre qual o tempo (passado ou contemporâneo) e espaço (urbano ou rural) os alunos responderam:

Aluno A) “Urbano. Passado pois, são memórias de uma pessoa.”

Aluno B) “Foi possível pois, vimos o desenvolvimento da cidade (campininha).”

Aluno C) “Sim, muito claro para os leitores, inclusive o tempo cronológico.”

Aluno D) “Sim.”

Aluno E) “Sim.”

Aluno F) “Sim.”

Todos o alunos disseram que foi possível identificar o tempo (passado ou contemporâneo) e o espaço (urbano ou rural) nos contos. Porém, três não especificaram quais e os demais que especificaram responderam de formas bem distintas, demonstrando um entendimento bem diversificado dos conceitos espaço e tempo. O aluno C se referiu ao tempo cronológico dos fatos ocorridos nas tramas narradas pelo



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

autor, ou seja, uma análise literária. Os alunos, A e B identificaram o espaço urbano, mas, tiveram dificuldades em explicar o tempo. Talvez, deixo aqui a autocrítica, devido à questão da pergunta não ter sido bem elaborada, o que realmente causou uma confusão.

Na questão que perguntava se houve uma ligação entre o conteúdo programático da disciplina e o conteúdo literário apresentado no livro de contos, a maioria não quis detalhar, simplesmente, responderam sim. É bom, destacar que, na pesquisa não foi solicitado detalhes, ficaria de acordo com a espontaneidade do aluno. Mas, dois alunos fizeram questão de detalhar das seguintes formas:

Aluno A) “Sim, foram apresentados diversos assuntos, principalmente a questão do idoso.”

Aluno B) “Sim, pois as categorias demográficas influenciaram no cenário e nas situações vividas pelos personagens”

Aluno C) “Sim.”

Aluno D) “Sim.”

Aluno E) Não respondeu.

Aluno F) “Sim.”

O aluno A, volta à questão do envelhecimento discutido nas aulas, provando que realmente esse eixo de pensamento ficou bem marcado na disciplina para os alunos. Já o aluno B impressionou por sua resposta, percebe-se que as categorias o influenciaram na leitura dos cenários apresentados nos contos do livro. De um modo geral esses foram os contos mais citados pelos alunos nas dissertações e durante as indagações realizadas durante o seminário.

Em relação a pergunta, se foi difícil a compreensão do conteúdo científico apresentado durante as aulas da disciplina, obtivemos as seguintes respostas:

Aluno A) “Não. Foi fácil pois, o professor explica de uma forma que todos entendem”

Aluno B) “Não, pois, o professor esboçou bem o conteúdo e ao misturar o científico com o literal, fez-se uma interação de aproximação dos problemas dos movimentos sociais.”

Aluno C) “Não. Pelo contrário, foi de fácil compreensão inclusive, foi muito bem complementado pelo livro “Memórias da Solidão” de Brasigóis Felício.”

Aluno D) “Não. As aulas foram bem conduzidas, e os temas da demografia bem apresentados pelo professor.”



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Aluno E) “De maneira alguma. O conteúdo é de fácil compreensão, pois lhe damos com eles cotidianamente. Goiânia é um bom lugar para exemplificar o conteúdo por ser uma cidade nova, que recebe grande fluxo de migrantes e está em constante transformação.”

Aluno F) “No meu entendimento, não houve conteúdo científico no que se refere a literatura! Apenas relato de ciências relacionadas à demografia.”

Os alunos A, B e D fizeram menção ao professor como principal fator às aulas do professor, tendo o aluno B acrescentado a associação das aulas com o trabalho de literatura como forma de aproximação da ciência com o conhecimento popular, o que se assemelha muito com o tema discutido e apresentado no início deste trabalho. O aluno C também faz a associação do conteúdo científico com a literatura mas não menciona a participação do professor.

Foi muito interessante a resposta do aluno E, pois ele conseguiu trazer o conteúdo científico para o aprendizado para a leitura da cidade onde vive, ou seja, na interpretação das constantes transformações de Goiânia, o que lembra a tese apresentada pelo trabalho de CAVALCANTI (2004). Já o aluno F considerou que o conteúdo apresentado não foi científico e sim alguns “relatos de ciências”, e se tratando de alunos calouros, talvez, seja necessário que debatamos no início do curso o que vem a ser, ou não, trabalhos científicos e abordar a epistemologia na produção acadêmica.

Na pergunta sobre uma possível leitura do livro de contos sem passar pelas aulas de demografia e se, com isso, obtivesse a mesma interpretação, as respostas foram as seguintes:

Aluno A) “Não. Veria apenas o aspecto sentimental.”

Aluno B) “Não. Porque nunca parei para fazer uma análise científica dos movimentos populacionais e suas conseqüências individuais.”

Aluno C) “Sim, porquê é um livro que esclarece e nos desperta para pensar o que aconteceu no dia-a-dia, nas ruas escuras, casas, becos, enfim, de um ângulo diferente e novo, e dessa forma, refletimos.”

Aluno D) “Não. Não conseguiria fazer uma leitura investigativa, isso dificultaria a compreensão do livro.”

Aluno E) “Não. Ao ler o livro, busquei identificar categorias demográficas, não li de forma aleatória e espontânea. Não o tratei como um livro de literatura, apenas busquei verificar os cenários apresentados pelo autor.”

Aluno F) “Provavelmente não. Porque tinha uma bagagem fresca sobre temas correlatos.”



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Os alunos B, D e E, responderam relacionando suas respostas com o objetivo da atividade, afinal de contas, era realmente para se ter uma leitura científica da literatura com ênfase na resposta do E que, mais detalhadamente explica que só fez uma leitura das categorias e não se envolveu com enredo literário.

As respostas dos alunos A e C, apesar de serem contrárias, uma negativa e outra positiva, seus comentários demonstram aspectos que partem muito de uma análise do estilo do autor. Os contos de Brasigóis Felício não negam o poeta que o é. Seus personagens são encarnados com muitos sentimentos descritos em impressionantes metáforas, o que influenciaria muito na resposta de A. Já C, a única positiva pode ter sua explicação na forte ligação da literatura do autor com a crônica, como cronista de jornal de grande circulação no estado, sua linguagem permite uma certa compreensão dos fatos reais.

O aluno F, já aborda a falta de experiência que teria sem as aulas para fazer uma leitura crítica dos temas, porém, como a maioria, entendeu que a leitura seria para uma abordagem dos temas demográficos.

Encerrando as pesquisas, foi solicitado uma opinião breve e livre sobre a atividade

Aluno A) “Foi muito interessante, pois é uma forma de se aprender o conteúdo com prazer.”

Aluno B) “Foi uma maneira muito boa de fechar o conteúdo e fazer uma melhor interação do conteúdo.”

Aluno C) “Na minha opinião foi muito bom, esclarecedor, e de uma maneira, muito prazerosa.”

Aluno D) “A atividade realizada foi muito importante para meu crescimento intelectual e para uma melhor visão sobre a realidade social e os conflitos internos que afligem as pessoas.”

Aluno E) Não respondeu.

Aluno F) “A atividade foi ótima. Apesar de ter faltado tempo suficiente para os alunos. O discurso de homenagens e honrarias tomou muito tempo. É dispensável.”

Os alunos A e C mencionaram o prazer no processo de entendimento da disciplina por meio do recurso utilizado. O aluno B, apesar de não esclarecer qual interação ele se refere, ou como e o quê, é interessante a abordagem que faz com o fechamento e a interação, seguindo a lógica metodológica do programa da disciplina.

O aluno D responde de forma muito conexa com a tese de SANTOS (1996), e MORAIS (2004) apresentadas na introdução desse trabalho, pois fala da percepção da realidade por meio da ciência e da arte.



[www.observatoriogeografico.com.br](http://www.observatoriogeografico.com.br)

## O ENRIQUECIMENTO TEÓRICO PROVOCADO PELA INTERFACE DEMOGRAFIA E LITERATURA

A utilização de obras literárias no ensino-aprendizagem de Demografia ou de outras disciplinas da ciência geográfica, não se circunscreve apenas na criação de alternativas didático-pedagógicas dos procedimentos que se pode utilizar em projetos factuais. Mais importante que isso, é alargar a leitura de mundo, de tempo, espaço e ser humano pela via da narrativa literária.

A abertura que a narrativa literária possui para devassar a alma humana, suas tragédias, seus dramas, efeitos de detalhas, situações pitorescas, sublimes, escapeis permite que recursos como a intuição, a imaginação, a sensibilidade, a emoção, trajetórias de vida se coloquem na interpretação do real.

Por isso, pode-se dizer que, de fato, há o pensamento literário facultado pelo critério estético, do estilo, da composição de imagens. E por meio desse sentido de abertura, a reflexão do real e da história pode ganhar concursos da própria vida humana, o que é difícil à ciência que, na cultura cartesiana e no encastelamento funcionalista e institucional, se vê prestando mais conta aos dogmas e aos paradigmas que a própria interpretação.

Em outros termos, poder-se-ia dizer: a interface entre demografia e literatura permite ver que o real é produzido também por símbolos, imagens, imaginários, ideologia, ideários, valores, sentidos e significações. Paz (1956:99) nos ensina:

“ Não sem justificado assombro as crianças descobrem um dia que um quilo de pedras pesa o mesmo que um quilo de plumas. E então conseguem reduzir pedras e plumas a abstração quilo. Dão conta de ver que pedras e plumas possuem sua maneira própria de ser. A operação unificadora da ciência pode mutilar e empobrecer essa noção, que embora pedra e plumas tenham o mesmo peso, possuem autonomia e particulares como ser. A literatura nomeia as coisas: estas são plumas, estas são pedras. Os elementos do real não perdem o caráter singular e real. A imagem recria o ser”.

Está aqui uma grande contribuição da literatura: demonstrar para o cientista, para o intelectual e para o professor que ele ao analisar o real está o recriando mediante valores e transformando-o em imagens. Isso permite que se democratize mais o pensamento científico, que se abra à outras possibilidades de produzir imagens.



[www.observatoriogeogoias.com.br](http://www.observatoriogeogoias.com.br)

Por outro lado, essa abertura exige a criação e a criatividade. Se fazer literatura é inventar mundos inexistentes mediante a linguagem e os mundos existentes do literato, uma boa literatura o é à medida que tem um alto teor de criatividade, de imaginação, de reinvenção do real.

Essa lição pode balizar um pouco a cabeça engessada do cientista cartesiano: ciência pode – e deve ser – um mecanismo de reinvenção do real, da recriação do homem e da história. Sendo assim, há uma missão ética na literatura que é a de inventar mundos criando possibilidades para que os sujeitos aceitem a sua condição de interferir no real; e há uma missão ética na ciência que é de ler o real para promover condições de mudá-lo.

Demografia e literatura podem, em pleitos didáticos-pedagógicos se mesclarem, se pressuporem, se aglutinarem potencializando a relação entre sujeito e mudança.



[www.observatoriogeogoias.com.br](http://www.observatoriogeogoias.com.br)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem, 5ª Edição. São Paulo: Edusp, 2004
- \_\_\_\_\_. Os Novos Mundos da Geografia, in UFBA, Caderno de Geociências Nov/1996.
- \_\_\_\_\_ & SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos, 6ª Edição. Campinas – SP: Papirus Editora, 2004.
- CHORLEY, Richard J. e HAGGETT, Peter. Modelos, Paradigmas e a Nova Geografia, in Modelos Sócio-Econômicos em Geografia (Orgs. CHORLEY e HAGGETT). Rio de Janeiro: Edusp, 1975.
- MORAIS, Kamila Lopes. Lima Barreto e Charles Baudelaire: Uma concepção sociológica da literatura na modernidade, in UEG, Revista Plurais, jul/dez 2004.
- OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de., SILVA, Marcelo Gonçalves da., NETO, Aristóteles Teobaldo., e VLACH, Vânia Rubia Farias,. A Música Como Um Recurso Alternativo nas Práticas Educativas em Geografia: Algumas Reflexões, in UFU Revista Caminhos da Geografia, jun/2005. UFG/IESA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Geografia. Goiânia, 2005.
- \_\_\_\_\_. Resolução CEPEC/2004 – Programa Curricular do Curso de Geografia. Goiânia, 2004.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Programa da Disciplina Geografia e Demografia. Goiânia: UFG/IESA, 2005.
- \_\_\_\_\_. Uma Viagem, Um Porto, Um Caminho: a demografia. UFG/UFG. Goiânia, 2005.
- MENEZES, Eleuzenira Maria de Menezes. O uso das Fontes do IBGE e os Fluxos Migratórios para Goiânia. Goiânia: UFG/FCHL, 2005.
- SILVA, Mônica Cristina da. O Crescimento Demográfico e a Espacialização da Migração em Goiás – Período de 1970 a 2000: Um estudo da sua representação. Dissertação de Mestrado UFH/IESA. Goiânia, 2004.
- RIDLEY, Malt. O que nos Faz Humanos; Tradução Ryta Vinagre – Rio de Janeiro: Record, 2004.